

ANÁLISE SOCIODEMOGRÁFICA DO PROCESSAMENTO DE INFORMAÇÃO SOCIAL AOS 4 ANOS.

LUCIANA RODRIGUES PERRONE¹; SUÉLEN CRUZ; ANDREAS BAUER²;
JOSEPH MURRAY³

¹PPGEpi/Ufpel – lucianarodriguesperrone@gmail.com

²PPGEpi/Ufpel – suhcruz.psi@outlook.com

³PPGEpi/Ufpel – j.murray@doveresearch.org

1. INTRODUÇÃO

O modelo de processamento de informação social (SIP - Social Information Processing) foi proposto por CRICK; DODGE (1994). Este modelo relaciona-se à competência social de crianças jovens e ao ajuste de seus comportamentos, sendo útil para elucidar o funcionamento sociocognitivo de crianças com comportamentos agressivos (SCHULTZ et al., 2010).

De acordo com esta abordagem, em face a um estímulo social e influenciado por seu próprio temperamento e humor, os indivíduos progridem por uma série de etapas mentais graduais, a saber: (1) decodificação de pistas sociais; (2) interpretação das pistas; (3) seleção dos objetivos; (4) geração de respostas; (5) avaliação da resposta e (6) representação da resposta de forma comportamental (CRICK; DODGE, 1994; ZIV, 2012).

Dentro do modelo SIP, o viés de atribuição hostil (VAH) ocorre na segunda etapa. Ele é definido como uma super atribuição de intenção hostil para o comportamento dos outros, mesmo quando a intenção é benigna ou a situação é ambígua (CHOE et al., 2013; GODLESKI; OSTROV, 2020).

Além do VAH, outros parâmetros muito estudados do modelo SIP são a geração de resposta e a avaliação de resposta que correspondem as etapas 4 e 5 do modelo (RUNIONS; KEATING, 2007). Nessas etapas, as crianças geram possíveis respostas à situação, avaliam essas respostas e, em seguida, selecionam a mais favorável para a dramatização (CRICK; DODGE, 1994).

Visto que crianças com problemas de comportamento no início da vida estão em risco de desenvolver habilidades menos adaptativas em momentos posteriores do desenvolvimento, é necessário aumentar o entendimento sobre os fatores que fazem algumas crianças mais vulneráveis a problemas comportamentais; como, por exemplo, o padrão de SIP distorcido (ZIV, 2012). Há evidências de que alterar o SIP infantil pode de fato levar a reduções no comportamento agressivo. Ainda, entender os mecanismos de agressividade infantil precoce tem importantes implicações para elaboração de programas de prevenção e intervenção.

Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever o processamento da informação social (viés de atribuição hostil / geração de resposta / avaliação de resposta) aos 4 anos de acordo com características sociodemográficas colhidas no perinatal de crianças pertencentes à Coorte de Nascimentos de 2015 de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Este trabalho usou dados da Coorte de Nascimentos de 2015 de Pelotas/RS (HALLAL, 2018). Este é um estudo longitudinal, de base populacional, em que todas as crianças nascidas no ano de 2015 foram elegíveis pra inclusão desde que

suas mães vivessem na zona urbana de Pelotas. As características sociodemográficas foram colhidas através de questionários no perinatal. São elas: sexo da criança (feminino ou masculino), idade da mãe (menor que 20 anos, de 20 a 35 anos, maior que 35 anos), escolaridade materna em anos (0 a 4, 5 a 8, 9 a 11, 12 ou mais), escolaridade paterna em anos (0 a 4, 5 a 8, 9 a 11, 12 ou mais) e renda familiar em reais dividida em quintis.

O processamento da informação social foi medido pelo Social Information Processing Interview – Preschool Version (SIPI-P), aos 4 anos. Este instrumento compreende uma entrevista estruturada, que retratou uma história, ilustrada por ursos, em que um protagonista é rejeitado por dois outros pares em uma situação ambígua. À medida que as crianças ouvem a história, o entrevistador para em pontos do roteiro e faz perguntas que abordam as etapas de processamento de informação social. Após a rejeição do protagonista, o entrevistador pergunta à criança se as outras crianças são más ou não são más. Desta questão, provém o desfecho dicotômico viés de atribuição hostil (VAH). Quem considerou a personagem má, foi classificado como apresentando tal desfecho.

Em seguida, o entrevistador faz uma pergunta aberta: “O que você faria se isso acontecesse com você?”. As respostas são primeiramente codificadas como “competente”, “hostil” ou “inepta”. A operacionalização final do desfecho Geração de Resposta Não Competente (GRNC) ficou de forma dicotômica (respostas hostis ou ineptas vs. competentes).

Depois disso, o entrevistador apresenta uma resposta competente hipotética para a situação e pergunta i) se é uma coisa boa de se fazer, ii) se os outros vão gostar de quem faz isso, e iii) se os outros vão deixar alguém brincar caso faça isso. Estas questões serão repetidas para uma resposta hipotética inepta e para outra hostil. Por fim, temos o escore de Avaliação de Resposta Positiva (ARP) com base na combinação das 9 perguntas. O número total de respostas competentes é somado, criando um escore que varia de 0 a 9. Quanto mais alto o escore de ARP, mais competente foi a avaliação de resposta da criança.

As análises estatísticas foram realizadas no Stata 15.1. Para as associações bivariadas dos desfechos dicotômicos foi usado Qui-Quadrado. Para o desfecho numérico foi usado o teste t de Student ao comparar dois grupos de exposição e ANOVA para mais de dois grupos de exposição. Valores p menores que 0.05 foram considerados significativos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados são preliminares e a operacionalização dos desfechos GRNC e escore de ARP serão revisados para melhor captura do que se pretende medir.

A amostra do estudo contou com 4275 indivíduos. Destes, 50.62% eram do sexo masculino. A maioria deles (70.61%) eram filhos de mães entre 20 e 34 anos. A escolaridade materna mais prevalente foi de 9 a 11 anos (34.11%), seguida pelo grupo de 12 anos ou mais (31.12%). A escolaridade paterna de 9 a 11 anos foi a mais prevalente (31.79%), seguida por 5 a 8 anos (28.93%). Cada categoria de renda familiar, por esta variável ser dividida em quintis, compreendeu aproximadamente 20% da amostra. Os valores absolutos são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1. Proporção de VAH e GRNC e Média(DP) do escore de ARP gerados por crianças da coorte de nascimentos de 2015 de Pelotas/RS aos 4 anos de acordo com as variáveis sociodemográficas colhidas no perinatal (n=4275).

	N(%)	VAH	GRNC	Escore de ARP
		%	%	Média (DP)
Sexo		<i>p</i> =0.735*	<i>p</i> <0.001*	<i>p</i> =0.0042 §
Masculino	2164 (50.62)	70.28	88.80	5.82 (1.91)
Feminino	2111 (49.38)	70.79	83.66	6.03 (1.91)
Idade Materna		<i>p</i> =0.012*	<i>p</i> =0.212*	<i>p</i> =0.0002 ¶
Menos de 20 anos	623 (14.58)	75.99	88.69	5.56 (1.94)
De 20 a 34 anos	3018 (70.61)	69.63	85.98	5.97 (1.92)
35 anos ou mais	633 (14.81)	69.55	84.54	6.07 (1.83)
Escolaridade Materna		<i>p</i> <0.001*	<i>p</i> =0.016*	<i>p</i> <0.001 ¶
0-4 anos	391 (9.15)	70.34	90.87	5.37 (1.77)
5-8 anos	1095 (25.62)	75.85	88.16	5.42 (1.84)
9-11 anos	1458 (34.11)	71.91	85.58	5.92 (1.88)
12 anos ou mais	1330 (31.12)	64.50	84.00	6.52 (1.89)
Escolaridade Paterna		<i>p</i> =0.002*	<i>p</i> =0.007*	<i>p</i> <0.001 ¶
0-4 anos	537 (13.35)	73.29	91.16	5.44 (1.77)
5-8 anos	1164 (28.93)	72.83	87.34	5.57 (1.87)
9-11 anos	1279 (31.79)	70.89	84.25	5.95 (1.88)
12 anos ou mais	1043 (25.93)	65.38	84.41	6.74 (1.79)
Renda Familiar		<i>p</i> <0.001*	<i>p</i> <0.001*	<i>p</i> <0.001 ¶
Quintil 1 (mais pobres)	846 (19.80)	73.42	86.93	5.48 (1.86)
Quintil 2	859 (20.10)	72.59	88.55	5.61 (1.87)
Quintil 3	853 (19.96)	72.40	88.87	5.96 (1.89)
Quintil 4	856 (20.03)	70.18	86.77	6.08 (1.90)
Quintil 5 (mais ricos)	859 (20.10)	63.84	79.75	6.49 (1.89)

*Teste Qui-Quadrado, § Teste t de Student, ¶ ANOVA.

Nas análises bivariadas, o sexo da criança apresentou associação com GRNC (*p*<0.001), com os meninos apresentando maior prevalência do desfecho. Em nosso estudo, o sexo não apresentou associação com VAH (*p*<0.735) o que contrasta com CHOE et al. (2013) que encontraram maior prevalência no sexo masculino. Além disso, as meninas obtiveram um escore de ARP mais alto (*p*=0.0042). Isso explicaria porque meninos mostram comportamentos agressivos de forma mais frequente do que as meninas (DENHAM et al., 2002).

A relação entre pais e filhos exerce papel fundamental na regulação comportamental infantil e sua qualidade ajuda a definir a atribuição de intenção hostil (GODLESKI, OSTROV, 2020). A disciplina ríspida foi destacada como um fator de risco para VAH no contexto dos pares (LEE et al., 2019). Em nosso estudo, a idade materna esteve associada com este desfecho (*p*=0.012), com maior proporção de crianças de mães com menos de 20 anos apresentando o desfecho. Isto pode refletir um comprometimento na relação mãe-filho pela imaturidade de mães muito jovens. O escore de ARP corrobora com esta hipótese visto que foi maior, quanto maior a idade da mãe (*p*=0.0002).

Segundo ZIV; SORONGON (2011) um ambiente familiar estressante é marcado por menos envolvimento dos pais, mais estresse dos pais e comportamentos e práticas parentais menos desejáveis, o que pode contribuir para comportamentos infantis indesejáveis. Em nosso estudo, a renda familiar esteve associada com o VAH (*p*<0.001) e com GRNC (*p*<0.001), com crianças do quintil mais rico apresentando menor prevalência de desfechos negativos. Além disso, o escore de ARP foi menor entre os mais pobres e aumentou de acordo com os quintis de renda

($p<0.001$). Isto pode ser explicado pois o risco econômico é um potencial estressor familiar.

Segundo RUNIONS; KEATING (2007) a educação materna é um indicador importante de habilidades iniciais de linguagem, o que pode ser particularmente importante para a compreensão e interpretação infantil de intenções. Em nosso estudo tanto a escolaridade materna quanto a paterna estiveram associados de forma significativa com os três desfechos. Escores de ARP apresentaram aumento de acordo com o aumento na escolaridade de ambos os pais ($p<0.001$). Isto está de acordo com ZIV; SORONGON (2011) que afirmam que a baixa escolaridade materna prediz níveis mais baixos de competência social na pré-escola.

4. CONCLUSÕES

As condições sociodemográficas ao nascimento estão relacionadas com o viés de atribuição hostil, a geração de resposta não competente e o escore da avaliação de resposta positiva aos 4 anos. De maneira geral, condições sociodemográficas piores (menor escolaridade materna e paterna, menor quintil de renda, maior densidade domiciliar) além de ser filho de mãe mais jovem parece prejudicar o processamento de informação social infantil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOE, D. E. Developmental precursors of young school-age children's hostile attribution bias. **Developmental Psychology**, [s.l.], v.49, n. 12, p. 2245– 2256, 2013.

CRICK, N. R.; DODGE, K. A. A Review and Reformulation of Social Information-Processing Mechanisms in Children's Social Adjustment. **Psychological Bulletin**, [s. l.], v. 115, n. 1, p. 74–101, 1994.

DENHAM, S. A. Preschool understanding of emotions: Contributions to classroom anger and aggression. **Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines**, [s. l.], v. 43, n. 7, p. 901–916, 2002.

GODLESKI, S. A.; OSTROV, J. M. Parental influences on child report of relational attribution biases during early childhood. **Journal of Experimental Child Psychology**, [s. l.], v. 192, 2020.

HALLAL, P. C. Cohort Profile: The 2015 Pelotas (Brazil) Birth Cohort Study. **International journal of epidemiology**, [s. l.], v. 47, n. 4, p. 1048-1048H, 2018.

LEE, S. Early socialization of hostile attribution bias: The roles of parental attributions, parental discipline, and child attributes. **Social Development**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 549–563, 2019.

RUNIONS, K. C.; KEATING, D. P. Young Children's Social Information Processing: Family Antecedents and Behavioral Correlates. **Developmental Psychology**, [s. l.], v. 43, n. 4, p. 838–849, 2007.

SCHULTZ, D. Assessment of social information processing in early childhood: Development and initial validation of the schultz test of emotion processing-preliminary version. **Journal of Abnormal Child Psychology**, [s. l.], v. 38, n. 5, p. 601–613, 2010.

ZIV, Y.; SORONGON, A. Social information processing in preschool children: Relations to sociodemographic risk and problem behavior. **Journal of Experimental Child Psychology**, [s. l.], v. 109, n. 4, p. 412–429, 2011.

ZIV, Y. Exposure to Violence, Social Information Processing, and Problem Behavior in Preschool Children. **Aggressive Behavior**, [s. l.], v. 38, n. 6, p. 429–441, 2012.